

nos das casas, afim de fornecêr-lhes as ceias; poderá fazêr-lhes um abatimento, visto como o querido Baltazar tambem come e consegue assim reunir o util com o agradável. Diz-me que não tem tendencia para a violencia, para o despotismo; isso é bom: levame a crêr que não tratará mal os freguezes nem os criados. Cita-me tambem a sua qualidade de cabeludo; isso é mau: sempre ha perigo de cair algum cabêlo na sôpa. Felicito-o pelo habito que diz possuir, de caminhar quase sempre com as mãos nas algibeiras: nesta epoca de carteiristas eximios tôdo o cuidado é pouco, tanto mais que os gatunos tambem andam com as mãos nas algibeiras... do proximo.

Regimen culinario que mais convem ao seu temperamento: peixe frêscio miudo ou bacalhau, grêlos, arroz e bifês de cebolada. Quanto a fructas... um pêcego por semana... e está com sorte.

Fuja das comidas frias.

No bacalhau, muito alho e pouco azeite.

G. C.

tra a falta de recursos, tem sempre luctado titanicamente pelo pão de cada dia, tem constante e teimosamente remado contra a maré, é, sem duvida alguma, a que fôrma a chamada: Media.

De *Miseria doirada* a alcunhou alguém e muito propriamente.

A classe media, apertada entre o desprezo e a ironia dos abastados, os sarcasmos e a maldição da classe baixa e os ridiculos preconceitos: — uns proprios da classe, outros que lhe são impostos, é bem a *Miseria doirada*; a *Miseria* de gravata lavada, a *Miseria* que não pôde pôr, chale e lenço, ir á fonte, á tenda, praticar emfim, todos os actos de que não pôde prescindir mas que tambem não pôde pagar.

Infeliz classe media!

Não vives, vegetas! E, comtudo, não te assiste o direito de te queixares! Se o fizeres, nada adeantas, nada consegues, porque, na tua *Miseria* não se acredita, para ella, não ha olhos, não ha dô, ninguem soccorre, não se remedeia!

BENTO MANTUA.

## PHILOSOPHANDO

De ha tempos a esta parte venho lendo nos jornaes e ouvindo a toda a gente, que a situação está má, a vida impossivel, a miseria a dois passos!

Ora má, terrivelmente má, esmagadoramente má, tem sido em Portugal a vida, em todos os tempos, para uma determinada classe.

Essa cathogoria de gente que, quer melhorem, quer peiorem as finanças do paiz, se tem sempre debatido con-

## MUSA GALHOFEIRA

### MOTTE

*Quem me dêra meu amor,  
Essa bocca pequenina.*

### Glosas

No teu rosto seductor  
Eu qu'ria depor um beijo,  
Era esse o meu desejo  
*Quem me dêra meu amor.*  
E's p'ra mim uma flor,  
Por ser's airosa e ladina.

O teu andar me fascina.  
Só qu'ria poder-te amar  
Para então muito beijar  
*Essa bocca pequenina,*

ELMINO.

*Quem me dêra, meu amor,  
Contigo deixar a vida,  
Que é tanta esp'rança perdida,  
Que é tanta miseria e dôr!  
Deixar o mundo malvado  
E repouzar a teu lado —  
Oh! minha amante divina! —  
Na mesma cova esquecida,  
Tendo á minha bocca unida  
*Essa bocca pequenina!...**

SIRCOANERA.

N'este mundo tão traidor,  
Onde vivo com prazer,  
Qu'ria poder-te dizer:  
*«Quem me dêra meu amor  
Abraçar-te com fervor,  
Beijar, vê lá Etelvina,  
Essas mãos de pelle fina;  
E com teu consentimento,  
Oscular n'este momento,  
*Essa bocca pequenina.»**

JORGE MARTINHO CLARO.

Já não quero, linda flôr,  
Do teu peito o Sentimento...  
Morrêr... fugir ao tormento...  
*Quem me dêra meu amor!*  
Mas ao pobre trovadôr  
De fatal e triste sina,  
Consente, mulher divina,  
Que em paga do seu soffrêr,  
Possa beijar ao morrêr  
*Essa bocca pequenina!*

MAC-ILLERNO

### Motte a glosar

*Senhora dos olhos lindos  
Dae-me a esmola de um olhar*

### 2 — FOLHETIM DO "AZULEJOS,"

BASILIO JAX

## ESTANISLAU SAM

(A Cartejra d'um policia)

### CAPITULO I

#### O meu amigo

Sam comia pouco, e bebia menos. Bem ao contrario, eu, com o pensamento em Vatel, devorava com avidéz de carnivoro a tenra coxa d'uma perdiz, saboreando a intervallos um doce pranto que uma cepa de Collares chorava copiosamente.

N'este instante a mesma creada velha e feia entrou trazendo um telegramma, que o meu companheiro leu e guardou em silencio.

A conversação até alli pouco animada era agora d'uns monosyllabos que alternavam com os ruidos dos pratos e de tal maneira esmoreceu que, após a sobremesa, pareciamos, o meu

amigo e eu, duas estatuas de pedra tomando café.

Evidentemente o telegramma influira no seu espirito e eu conhecendo-lhe de sobejo o feitio, não me atrevi a intefrôgal-o. A confidencia viria se elle quizesse e quando quizesse.

Decorrido pouco tempo, Sam, no jardim, collocando amigavelmente a mão sobre o meu hombro, dizia no tom mais natural d'este mundo:



...collocando amigavelmente a mão sobre o meu hombro...

— Parto para a America.

Não pude conter um gesto de espanto, que elle dominou com o seu olhar d'aço.

Em breves palavras disse-me tudo. Morrera em New-York seu tio, o archimillionario Jacob, legando-lhe todos os seus immensos bens de fortuna.

E contava-me isto com uma simplicidade que contrastava notavelmente

com a alegria da noticia e a tristeza da causa.

Não sabendo de que maneira devia ser-lhe agradável, limitei-me a perguntar:

— Quando partes?!

Sam tirou fleugmaticamente o relógio e respondeu:

— Hoje mesmo.

— Para a America?!

— Não, para Lisboa.

O *Guyenne* largava a 12 para o Havre. Meia hora antes da saida encontrava-me no Caes das Columnas para a despedida. Sam acabava de chegar seguido por um moço com duas malas de mão. Fez um gesto a um barqueiro que lhe tomou conta da bagagem, olhou-me serenamente, e despedindo-se n'um formidavel aperto de mão exclamou:

— Até á vista.

Metteu-se no pequeno barco que em breves e certas remadas o conduziu até ao *Guyenne*.

E, emquanto este se fazia ao largo, envolto em negros rolos de fumo, eu,